



## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ Mulheres, Parto e Maternidades

É com entusiasmo que apresentamos às/aos leitoras/es desta edição do Caderno Espaço Feminino o Dossiê **Mulheres, Parto, Maternidades**. No conjunto de artigos aqui apresentados, buscamos reunir aqueles que tratam de questões atuais em que estudiosas/os discutem o parto, a violência obstétrica, a maternidade e a maternagem, as tecnologias reprodutivas e as relações entre os poderes, inclusive na pandemia de Covid 19.

A jornada, na leitura deste Dossiê, se inicia com o texto intitulado “A medicalização do parto sob a análise do feminismo materialista”, de Rosiléa Clara Werner e Lara Carolina Malanowski. Nele, a autora aborda a medicalização do parto sob a ótica do feminismo materialista, trazendo relatos de mulheres sobre seu ciclo gravídico-puerperal. O trabalho demonstra a urgência do compromisso de profissionais da saúde perante as políticas públicas relacionadas ao processo gravídico-puerperal, e a formulação de novos mecanismos de combate à medicalização do parto, como a formação continuada, a educação permanente e a educação de base às mulheres e suas famílias, incluindo o debate corrente sobre a temática durante o acompanhamento pré-natal.

Nessa trajetória de leitura, apresentamos o artigo intitulado “Violência Obstétrica na perspectiva das mulheres: significados e impactos à saúde”, de Ana Carolina do Espírito Santo Silva e Cláudia de Azevedo Aguiar, que discute os impactos da violência obstétrica sobre a saúde física e emocional, constatando que abuso físico, verbal e uso de intervenções excessivas estão presentes na assistência recebida. Para enfrentar tais problemas, as autoras colocam a necessidade de se recuperar a autonomia e o empoderamento feminino, a partir da disseminação de conteúdos educativos que apoiem a apropriação do direito de decisão sobre seu próprio corpo, principalmente no que se refere ao ciclo gravídico-puerperal.

A elaboração do plano de parto, por exemplo, é uma ferramenta de apoio às boas práticas. Exatamente nesse viés, Gabriela Alves Dellazeri da Silva e Cláudia de Azevedo Aguiar redigiram o artigo “Utilização do plano de parto por gestantes e puérperas no

município de Uberaba/MG”, que trata sobre a importância do plano de parto para levar conhecimento e autonomia às mulheres. As vivências apresentadas nesse trabalho apresentam discursos do sujeito coletivo que permitem entender que o plano de parto é um importante instrumento para levar conhecimento às mulheres, bem como para que estas tenham seus desejos e necessidades atendidas durante o parto e, então, vivenciem uma experiência mais positiva durante o nascimento de seus filhos.

O artigo seguinte, “Imperfeitas: maternidade e desempenho profissional durante a pandemia de Covid-19”, de Ana Luiza Szuchmacher Veríssimo Lopes, Valéria Quiroga Vinhas e Marcela Porto de Oliveira Silva, descreve a percepção sobre a demanda com relação aos papéis de mãe e de profissional de funcionárias durante a pandemia no Rio de Janeiro. O texto aborda a evolução da mulher dentro do mercado de trabalho, e os consequentes impactos sociais gerados e o ‘Mito da Mãe Perfeita’.

Também nesse viés pandêmico, o trabalho intitulado “Os desafios do *home office* e a maternidade em tempos de pandemia”, de Isis Bruna Gomes Pacheco, Russlana Rocha Pereira, Iluska Lobo Braga, Fabio Rogerio de Moraes, analisa conceitualmente os desafios do *home office* e da maternidade em tempos de pandemia, com base em uma pesquisa qualitativa e descritiva por meio de revisão sistemática da literatura sobre produções científicas relevantes acerca do tema. Em síntese, procurou-se, no decorrer desse artigo, mostrar de forma conceitual como as mulheres têm conciliado o trabalho no regime *home office* e a maternidade. O artigo revela o quanto as mães ficaram desamparadas pela ausência do apoio de pessoas, grupos ou locais que as acolhessem de tal modo que garantissem o cuidado de seus filhos, desvelando a existência de uma desigualdade considerável entre homens e mulheres nas atividades domésticas e de cuidados.

Ainda neste Dossiê, o artigo “Feminismo matricêntrico e contranarrativas de maternagem das entrevistadas da plataforma ‘Cientista Que Virou Mãe’”, da autora Luana Borges Lemes, apresenta uma reflexão sobre o conceito de Feminismo Matricêntrico, de Andrea O’Reilly (2016), para fundamentar contranarrativas de maternagem nos relatos das entrevistadas da plataforma ‘Cientista Que Virou Mãe’. Com a leitura desse artigo, compreende-se como elas atribuem suas práticas de maternagem às suas militâncias feministas, a partir da história das mulheres e dos estudos de gênero sobre representações maternas.

Em seguida, Marta Mencarini Guimarães, no artigo intitulado “Domesticidade e maternagem como subversão poético-política: analisando a obra de Clarice Gonçalves, estabelece um diálogo com a produção acadêmica feminista, trafegando por proposições

da historiadora Griselda Pollock na relação entre o sistema de saber-poder baseada no gênero e a construção cultural dos conceitos de feminilidade e domesticidade, bem como a invisibilidade e o silenciamento de artistas mulheres na história da arte. Na análise da autora, é possível perceber a potencialidade da domesticidade e da maternagem como estratégia conceitual-estética-política de subversão na arte contemporânea, e da liberdade de tempo criativo, como também o diálogo feminista em confrontar os sistemas de saber-poder e estéticos patriarcais, na produção de poéticas- políticas.

E ainda na trajetória de leitura do Dossiê, o trabalho intitulado “O estigma da infertilidade e as pressões sociais que conduzem à reprodução assistida no oeste paranaense”, de Samuelli e Elaine Cristina Francisco Volpato, discute como a vida das mulheres é socialmente condicionada para o ideal cultural da maternidade, de modo que muitas das que não se encaixam na condição de mães-esposas, impossibilitadas devido a questões biológicas, recorrem a tratamentos reprodutivos tecnológicos. Este estudo faz perceber que o desejo de ter filho para essas mulheres entrevistadas, independentemente se medicalizado, tecnologizado ou amoralizado, está ligado ao simbolismo do laço familiar e da descendência, como também da continuidade individual. Para elas, a apropriação das tecnologias reprodutivas supre a lacuna da infertilidade (mal que elas repelem) e torna possível o modelo de família e parentesco tradicionais, distante das famílias reconfiguradas também propiciadas pelas técnicas.

Para finalizar, o Dossiê apresenta o texto, intitulado “Perspectivas feministas para a relação: patrocínio institucional do adiamento da maternidade e as relações de poder nas organizações”, em que Viviane Cordeiro de Almeida propõe uma análise teórica da correlação entre feminismo materialista, relações de poder nas organizações e o comportamento reprodutivo contemporâneo. A análise extrapola a perspectiva biológica das relações de gênero, abordando as historicidades intrínsecas nas dimensões políticas, econômicas e discursivas das relações sociais. Desta maneira, esse artigo traz uma visão no sentido de que o patrocínio institucional da procrastinação da maternidade está ganhando *status* de benefício legítimo, já que tanto as mulheres como a sociedade têm aceitado o congelamento de óvulos como uma ferramenta de valorização, empoderamento e, até mesmo, como uma solução tecnológica rápida para mitigar as dificuldades encontradas em equalizar a equação carreira versus família. Contudo, para afastar a hipótese de que por detrás desta oferta não esteja entrelaçada a contenção histórica que persegue a mulher ao longo de décadas, faz-se necessário uma pesquisa mais aprofundada.

Percebe-se, portanto, que lidar com maternidade na contemporaneidade ainda é lidar com contradições sociais, bem como com os possíveis prejuízos que a maternidade possa trazer para a imagem profissional das mulheres. Deste modo, as mulheres vivem o dilema: se, por um lado, ela se vê como uma profissional muito competente, por outro, ela teme assumir a maternidade.

Assim, desejamos a todos, todas e todes um excelente caminhar, navegar, refletir por esta trajetória de textos e pesquisas e uma boa leitura!

Carla Denari Giuliani (FAMED/UFU/NEGUEM)  
Marcelle Aparecida Barros Junqueira (FAMED/UFU)  
Maria Cristina de Moura Ferreira (FAMED/UFU)  
Organizadoras